

Deponente: Rômulo Luiz Campos

Entrevistador: Caroline Cunha Rodrigues

Data: 14 de julho de 2017

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Depoimento gravado no dia 14 de julho de 2017, por Caroline Cunha Rodrigues, na FETAEMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, com o senhor Rômulo...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Luiz Campos.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Luiz Campos.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Você perguntou sobre a minha trajetória. Eu nasci no Vale do Jequitinhonha, filho de camponês, minha mãe separou do meu pai eu era muito pequeno, e meu pai era camponês, minha mãe também, a família dela, meus avós, meus tios, todo mundo camponês. E minha mãe levou uma vida muito difícil, e eu acompanhando, como criança, vendo as dificuldades que tinha. Tanto com minha mãe, comigo e meu irmão, tanto com os outros tios meus na área rural.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Será que tem outro espaço? Porque vai...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não, não tem problema não. Pra mim não tem problema não. Mas se você quiser mudar para outro lugar, nós podemos ir para outro lugar.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Eu só estou preocupada em relação à gravação.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Tá, então vamos...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Vai coincidir a sua voz.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Vamos procurar então.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Se for possível.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Aí começa de novo.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Podemos continuar.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Tá. Então assim, eu vi muitas dificuldades na minha família. Eu passei tudo que se pode pensar, uma criança passa na extrema pobreza. E eu só consigo falar disso de uns anos para cá. É uma coisa, assim, que me deixava constrangido, quando eu ia falar me deixava constrangido, sabe? Então assim, eu passando minha adolescência na ditadura, vendo as lutas...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O senhor nasceu quando, exatamente?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Eu nasci em 56.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Qual a data, por favor?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: 19 de maio de 1956. Mas eu vendo as lutas, né, as dificuldades de algumas pessoas, enfrentando a ditadura, isso tudo, né, eu como criança, isso tudo foi fazendo, assim, moldando a minha cabeça, sabe? Eu acho que as dificuldades que eu tinha vivendo aquela situação... e entrei pra, na época eu vim trabalhar em Belo Horizonte, fiquei morando em Contagem, e desde garoto eu participava dos movimentos eclesiais da igreja, e fui morando em Contagem. Eu participei, ajudei a fundar associações de morador, essas coisas. Aí veio a abertura, abertura política, movimento estudantil, aquela coisa, eu participando de algumas passeatas, e começou as greves, e eu participando das greves. Eu nem sabia direito porquê eu estava ali, sabe? Participando, aí veio a fundação dos novos...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Então quando novo, você deixou a sua cidade, no Cruzeiro.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim. Quando minha mãe saiu do Novo Cruzeiro eu tinha dois anos. Um pouquinho antes, eu tinha dois anos. Eu lembro da minha mãe, de vez em quando, eu lembro de uma imagem de nós, ela indo embora, (Trecho Incompreensível) da casa do meu pai, o meu pai era um homem muito violento, batia muito nela, então minha mãe tem muitas cicatrizes na cabeça, sabe, da violência do meu pai. E eu lembro dessa coisa das mulheres se organizarem, não é uma brincadeira não. É coisa muito séria. Precisa, sim.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E depois de Novo Cruzeiro você foi com sua mãe...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Nós fomos pra Ladainha, a cidade de Ladainha. Meus avós, lá minha mãe tem alguns parentes lá e minha mãe me deixou na casa de alguns parentes dela, e depois ela foi lá e me buscou. Mas depois nós mudamos para Teófilo Otoni. Eu tinha uns 9 anos quando nós mudamos para Teófilo Otoni. Quando eu vim aqui para Contagem eu tinha 18, e aí participamos dos movimentos populares, comecei a participar das reuniões que criaram o PT, eu participei. Eu não gostava de partido político, tô sendo sincero com você. Aquela coisa da ditadura me deixou, assim, com muito medo de político, né? Porque eu via os estudantes aqui na praça Afonso Arinos lutando por

liberdade de expressão, e eu ia passando na rua e via eles lutando, acabou que eu fiquei lá junto com eles, porque... participando também, e via, né, a violência, o estado...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Você diz aquele episódio na faculdade de direito da UFMG?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não, antes da coisa, do bicho pegar eu corri, né, eu e... mas eu estava lá.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Estava.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Estava. Sabe? Então assim, só que eu sempre tive uma cautela com essas coisas de... eu tinha medo, eu via tudo aquilo ali e eu tinha medo. Tive muito medo.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas então o senhor ajudou na mobilização pelo PT, no caso, né?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não, nesse caso aí não, ainda...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Não, depois.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Na época da criação do partido político eu fui, eu tomei a decisão de tanto uma pessoa ir na minha casa me chamar, eu tomei a decisão assim “Ah, eu vou lá ver, se eu achar que é uma coisa de trabalhador mesmo, eu fico”, mas fui muito desconfiado, porque eu não acreditava em ninguém. O sofrimento na vida faz isso com a gente, viu? Quero te falar isso, é verdade. A gente desconfia de todo mundo, até da gente mesmo. Eu cheguei lá numa sala, tinha, não tinha cadeira, não tinha banco, não tinha mesa, não tinha nada, aí eles faziam coleta entre eles mesmos para ver se comprava uma cadeira, se comprava...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Então achei aquilo interessante, muito próximo do tamanho que era a gente, as pessoas discutindo, que tinham necessidade, então eu resolvi, participei da fundação do partido. E foi participando da fundação do partido foi que eu conheci a Fetaemg, sindicato de trabalhador eu não conhecia. E foi participando do movimento político que, no PT, que eu tomei conhecimento o quê que é um sindicato, o quê que é a reforma agrária, que eu também não sabia o quê que era reforma agrária, sabe, que sindicato pode fazer acordo coletivo no trabalho. No dia que eu fiquei sabendo

que sindicato pode fazer acordo coletivo do trabalho eu estava lá na minha terra, quando falou disso eu falei: “Gente, que negócio fantástico. Eu não sabia”, eu não sabia, sabe?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Isso você fala em Teófilo Otoni?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É, eu voltei pra Teófilo Otoni, eu estava em Contagem. Fiquei desempregado e voltei pra casa da minha mãe. Mas eu continuei participando da criação do PT, fazendo reuniões. Em várias cidades da região, lá, quem foi pra lá e fez a primeira reunião fui eu. Eu fui, peguei um dinheirinho que eu tinha, restinho de...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E o senhor conheceu, por exemplo, o Jerônimo Nunes, da CBT, o padre.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: O Padre. Conheci. O Jerônimo, Domingos, que morreu recentemente.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Joaquim de Poté.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim, meu amigo. Eu (trecho incompreensível) Joaquim.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ah, é? E como que foi?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Foi o seguinte. Aí eu tomei conhecimento dos sindicatos, né. Tomei conhecimento dos sindicatos e aí fiquei conhecendo Joaquim de Poté, fui organizar a convenção coletiva de trabalho... convenção do partido lá em Poté, que vários municípios pela região fui eu que fui organizar as convenções, que ninguém sabia nada, então... algum bobo tinha que fazer, e eu mesmo que fui pra lá. E aí eu ajudei o Sílvio Rodrigues, lá de Teófilo Otoni, na campanha política dele. Eu não fui candidato. Daí eles tomaram conhecimento comigo também, sabe? E quando chegou a época da campanha política para deputado, eu e um rapaz que mora aqui, chama Salomão. O Salomão, num encontro regional do PT, defendemos o Joaquim de Poté como candidato a deputado, para ele (Trecho Incompreensível) algumas pessoas não gostaram, que é camponês, né. E o pessoal vendo, o pessoal, o Sílvio e o Joaquim vendo essa coisa da minha ligação com o trabalhador rural, mas eu acho que é por causa...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Da sua trajetória.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Da minha trajetória, né. Pediram pra mim, eles estavam contratando gente aqui na Fetaemg, pediram pra eu fazer um teste aqui pra ver se dava certo. Aí eu vim pra cá.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Em qual ano, exatamente?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Isso foi em 83.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: 83.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Aí eu vim pra cá, participei de muitas lutas, ajudei a organizar muitas lutas, muitas greves, muitas manifestações, nem sei. Eu não sei contar quantas.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E o senhor começou a trabalhar aqui desempenhando qual função?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Olha, na época tinha um grupo de trabalhadores aqui que chamava “Orientador Educacional”, que ficava nas regiões. Nós éramos um grupo muito grande. E eu trabalhava com essa função. Ia ser uma espécie, assim, de ativista, de militante, lá na base.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Trazer a formação política para os camponeses...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: ...trabalhadores rurais.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Isso. Só que fui contratado e fui para o sul de Minas. Aí os sindicatos no sul de Minas reuniram com a diretoria da Fetaemg e discutiram a meu respeito, porque eu estava organizando muita discussão sobre reforma agrária, e eles se sentiram intimidados. Mas eu já sabia que dentro de alguns sindicatos tinha gente da polícia.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ah, como que era isso? Como que o senhor sabia?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Olha, eu fiquei sabendo porque eu ia na casa de dirigentes sindicais, ia lá, porque naquela época a gente tinha que desconfiar de tudo, então teve uns que eu descobri que o filho dele era polícia civil, outro descobri que o genro dele era da polícia federal, o outro eu descobri que tinha sido militar, e tal.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Que estavam na diretoria dos sindicatos?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim, sim, de gente que estava na diretoria dos sindicatos. Mas eles viram, vou te falar assim uma coisa que é verdade o que eu vou te falar. Isso tudo que eu tô te falando aqui eu me responsabilizo, assim, do ponto de vista da verdade. Eu nunca tive muita vinculação com os comunistas. Nunca tive. Eu acho que, devido isso, eu acho que isso me fez, eu fui poupado mais de certas coisas por causa disso. E devido à minha cautela também, porque quando eu via que a situação estava complicando, eu me afastava um pouco pra...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Mas lá no sul de Minas, os diretores de sindicato pediram a diretoria para me transferir de lá, porque eu falava muito em reforma agrária.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Hm.

INTERLOCUTOR NÃO IDENTIFICADO: Com licença, (Trecho Incompreensível) atrapalha vocês?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim. Não, pegar água não atrapalha, não. Eles...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Então o seguinte, eles entenderam, o pessoal da diretoria falou isso pra mim, que eu era uma pessoa importante pra ficar no movimento sindical, mas eu não tinha o perfil pra ficar lá junto com eles, que eu falava muito em reforma agrária na época. E lá tem muita pequena propriedade, essa coisa, e aí a diretoria me transferiu para o triângulo mineiro, fui trabalhar no Triângulo Mineiro, eu trabalhei lá algum tempo.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Bom, antes de começarmos a falar do Triângulo Mineiro, o senhor se lembra de mais detalhes sobre talvez infiltrados no sindicato, essa relação entre polícia e sindicatos de trabalhadores rurais daquela região? Alguma situação específica, pessoas...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Olha, coisas assim que aconteceram no sul de Minas nessa época, aconteceram no sul de Minas, que foi muito importante do ponto de vista que a gente percebia a polícia, e eu percebia muitas e muitas vezes pessoas me seguindo. Isso aí foram inúmeras vezes. Pra se ter uma ideia, uma vez eu peguei um ônibus no sul de Minas, eu tenho dificuldade de guardar nome de pessoa, mas tenho facilidade imensa pra guardar fisionomia. Então assim, eu lembro uma vez, um rapaz entrou no ônibus, peguei um ônibus lá no sul de Minas, desci na rodoviária, deixei a minha bagagem no porta malas, percebi que ele estava me seguindo. Depois eu, estava vindo pra Fetaemg, a pé, de lá passei no centro pra eu olhar algumas coisas lá e tal, e eu percebi ele me seguindo ali. Quando chegou ali no, naquele negócio ali do Jornal Oficial do Estado, eu parei, ele estava vindo, eu parei, eu falei assim: "Vou ter que ter uma conversa com ele". Eu falei assim: "Você tá indo pra onde?", ele falou "Tô indo pra lá", falei: "Então tá. Eu tô vindo pra cá. Agora, tem uma coisa, se eu te ver de novo nós dois vamos acertar. Eu tô te avisando, não tô? Você tá entendendo o que eu tô falando?", "Mas por que você tá falando isso comigo?", "Você sabe porquê". E eu: "Cê sabe muito mais do que eu". Olha

pra você ver. Isso foi em 83, mais ou menos em 90, 91, 92, mais ou menos, ele apareceu lá na casa da minha mãe, ele apareceu, olhei e falei: “Gente, esse é aquele cara.” Pelejei com ele, a minha memória fotográfica, que era ele. Pelejei pra descobrir, mas ele não, mas eu acho que ele foi lá só pra falar pra mim assim: “Aqui ó, eu sei até onde você mora”, mas isso foi em... já uns 8, 7, 8 anos depois. Mas nesse meio tempo aí eu não vi ele mais não.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E nessa época você estava trabalhando em algum conflito de terra? Alguma negociação?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Olha, acontece (trecho incompreensível) no sul de Minas. Por exemplo, a greve de Passos, houve uma greve em Passos. Vou te falar uma coisa: foi muito difícil. Foi a greve mais violenta que vi, com uso de polícia, claro, tem um batalhão. Eles, uns dois caminhões de polícia, caminhão que tem um banco no meio, caminhão. Os dois caminhões de polícia distribuído polícia, usando fuzil com baioneta calada, e chegava, assim, apontava as baionetas pra gente e pensava assim: “Agora eu vou morrer!”. Por muitas e muitas vezes, a gente tentando sensibilizar os trabalhadores pra eles não irem trabalhar, eles, chegar, assim, a ameaçar mesmo. Mas me espancar, me bater, nunca fizeram isso não, mas ameaça psicológica foi muita. Pra você ter ideia, teve um dia que eu estava conversando com os trabalhadores na greve, e o sol estava saindo, estava se pondo. E conversando com os trabalhadores, virado pra lá, assim, o sol aqui batendo na minha nuca, virado pra lá, assim, o policial chegou com cassetete grande, assim, eu via a sombra dele, ele sabia que eu estava vendo a sombra dele, e botava o cassetete, assim, no rumo do meu pescoço, assim, puxava lá atrás, assim, (Trecho Incompreensível). Eu estava conversando com os trabalhadores e continuei conversando, porque achava que eu não estava fazendo nada de errado. Mas quando ele movimentava aquele cassetete na sombra, atrás, pra pegar na minha nuca, nossa senhora! Vou te confessar assim que eu senti vertigem de tanto medo que eu senti.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum. E o senhor continuou a conversar com os trabalhadores que estavam mobilizados.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Continuei. Então aconteceu coisas muito assim. Lá em Passos, pra gente conversar com os trabalhadores, e cercar a gente e tudo com o fuzil com baioneta. Teve uma hora que eu botei a mão assim no meio das baionetas, assim, puxei assim, com muita força, eu acho que eles não me mataram é porque eles não tinham a intenção de matar mesmo. Porque eles estavam pegando um outro trabalhador

lá que não estava fazendo nada. Estava sentadinho lá, quietinho lá em Passos. Então em Passos houve muita violência.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Contra trabalhadores.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Lá houve, em Passos. Na cidade de Passos. Agora...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Se o senhor tiver mais detalhes também das situações de Passos.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: De Passos?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Em Passos o aspecto mais importante foi o envolvimento da polícia, mesmo. Por exemplo, a gente fazia assembleia, a polícia tá lá na assembleia, à paisana. Teve um rapaz, que eu cheguei pra ele e falei assim: “Escuta, você é da polícia?” ele falou: “Não”, eu falei: “Você sabe que você é, aqui a gente conhece o perfil físico”. Eu disse: “Vamos fazer uma coisa? Eu vou pedir você uma coisa. Vai embora. Porque se você ficar aqui, eu vou ter que contar pros trabalhadores que você é da polícia”. Ele me ameaçou, era até uma assembleia numa escola, que eu não lembro mais o nome. Me ameaçou e falou assim: “Eu sou da polícia mesmo. Se você me encher muito o saco aqui eu vou...”, ia me deter, sabe? “Ah, sei”, aí eu ameacei ele também, falei: “Então você vai ter que deter, porque eu vou ali agora. Você quer ver? Então tá bom. Vou lá contar pros trabalhadores que você é da polícia e vamos ver o quê que você vai fazer”, e saí andando. Quando eu dei uns quatro passos que eu olhei pra trás, ele sumiu. Eu nunca mais vi ele. Ele deve ter saído rapidamente, mudou de lugar, rapidamente, sabe? Eu não vi ele nunca mais.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Nem localmente, né?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Não deve ser da polícia local.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Nem nesse lugar lá. Se ele ficou nesse lugar, na assembleia com muita gente, se ele ficou nesse lugar, porque eu procurei ele no meio do povo. Ele se escondeu muito bem escondido, sabe?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Pode ter sido enviado para Passos, né.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Eu não vi ele mais não. Então lá em Passos foi essa questão da polícia...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Então houve um forte aparato policial.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Mas teve um outro caso também de Passos, que eu lembrei aqui agora. Estava esquecendo. Chegou uma denúncia aqui na Fetaemg, que estava tendo trabalho escravo, trabalho muito difícil lá na fazenda Ariadinópolis, em Campo do Meio. E aí o presidente da Fetaemg pediu pra eu ir lá. Eu fui lá. Quem denunciou aqui foi inclusive um delegado de polícia, ele ficou revoltado com o que ele estava vendo acontecer na cidade lá. Um delegado de polícia que ligou pra cá e avisou ao presidente da Fetaemg, o André Montalvão. Olha para você ver que historinha interessante.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Isso mais ou menos quando?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Isso foi em 83.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: 83.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ou 84, foi um desses dois anos. Aí eu peguei, ele pediu pra eu ir lá, fui lá, passei no alojamento onde ficavam os trabalhadores, vi como é que era o alojamento, tinha muito trabalhador, eram dois galpões muito grandes, tinham muito trabalhador lá. E eles me denunciaram as coisas que estavam acontecendo no local de trabalho. Eu pensei: “eu vou lá no local de trabalho amanhã”, o quê que eu fiz? Peguei carona num caminhão da usina, fui no local de trabalho e olhei como é que era que os trabalhadores estavam trabalhando cortando cana. Detalhe: a primeira vez que eu vi uma máquina de cortar cana foi lá, fiquei curioso com aquele negócio da máquina de cortar cana, sabe? E na hora do almoço, eu fiquei até a hora do almoço pra eu ver como é que era a alimentação do pessoal. Aí o trabalhador teve que cortar uma casca da cana pra comer, pra fazer tipo uma colher, pra ele comer, porque tinha levado a marmita mas não tinha o talher pra ele comer, aí ele... alguns comeram com a mão mesmo, aquela mão toda suja de cortar cana, e outros fizeram isso. Aí voltei. Voltei. Quando foi a noite eu fui, fiz uma reunião no alojamento pra poder conversar com eles, e acertamos que a gente ia tirar uma comissão para poder conversar com o dono da usina, parece que chamava Clovis a pessoa que era responsável a usina lá, chamava Clóvis. E fui dormir.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Responsável ou seria um gato?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não, era diretor da usina mesmo.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Diretor.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Porque eu já tinha ido em Campo do Meio antes, então esse Clóvis, ele passava lá num carro grande da Gurgel, um carro diferente, sabe? Carro alto. Ele passava, eu ficava olhando e perguntei quem era ele e eles falaram que era o dono da usina. Mas isso foi muito antes de acontecer isso aí. Ó pra você ver. Aí quando foi no outro dia cedo, eu tô lá me preparando pra, me preparando pra ver se ia conversar com os trabalhadores pra...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Fazer a comissão.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Pra tirar a comissão pra ir conversar com o dono da usina. Aí bateram na porta do meu quarto. Quando bateram na porta do quarto eu falei: “Uai, que trem esquisito”, fui e abri. Era um sargento da polícia militar. Eu falei assim: “Sim, senhor”, ele falou assim: “Ó, o tenente tá lá embaixo te chamando”. Imediatamente desci. Falou: “Não, ele não tá aqui, não”, embaixo do hotelzinho, que lá é um hotelzinho pequeno, sabe? Aí estava lá uma mesa, eles juntaram as mesas do restaurante, o restaurante embaixo do hotel lá, umas quatro, uma mesa comprida igual a essa, assim, e estavam duas pessoas da polícia, estava esse dono da usina, o Clóvis, estavam umas três ou quatro pessoas que trabalhavam junto com ele, me chamaram e falei assim: “Sim, senhor”, falei com o tenente assim que estava lá, “Sim, senhor”.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Eles estavam armados?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não, isso aí eu nem observei, porque eles estavam sentados. Ele falou: “Senta aí”, ele estava sentado assim, ele falou: “Senta aí”, e o cara que é dono da usina do lado de cá, onde é que eu estou sentado aqui. Eu fui me dirigir para o tenente... ah, esse cara, dono da usina, levantou, e foi me xingando, e foi me xingando, e foi me xingando. Xingou todos os nomes que você pode imaginar, eu fiquei escutando. Depois que ele falou mais ou menos assim, uns trinta minutos, falando que eu tinha ocupado a fazenda dele, é claro que não ocupei a fazenda dele. Que eu tinha invadido a fazenda dele, e pressionando o tenente para me prender, enchendo o saco, sabe? Aí falei assim: “O senhor concluiu o que o senhor tem pra falar?”, ele falou assim: “Não, eu quero ver o quê que cê vai falar”. Eu falei: “Ô tenente, foi pra isso que o senhor me chamou aqui? Foi pra eu escutar esse cara falar esse tanto de baboseira que ele tá falando? Pra isso que o senhor me chamou? Porque se

não foi pra isso, por que o senhor tá aceitando ele fazer isso comigo? Por que o senhor tá aceitando? Não foi o senhor que mandou? Porque o sargento (Trecho Incompreensível), hein, sargento? Você não falou que era o tenente que tinha me chamado aqui pra conversar?”, aí o sargento ficou calado, sabe? Não falou nada. “Fiz uma pergunta pro senhor”, tenente continuou calado. O tenente não disse um A. Aí o cara falou pra mim: “Escuta aqui, cê vai falar alguma coisa ou não vai?”, aí eu falei pra ele assim: “Ó, deixa eu te falar uma coisa. Eu botei você para fora da sua casa? Eu coloquei você para fora da sua usina? Eu fiz isso com você?”, “Claro que não, que não é assim!”, “Então, como é que você tá falando que eu invadi sua usina? Se eu tô aqui dormindo no hotel aqui? Só porque a polícia tá aqui cê vai conversar isso?”. Aí o tenente me perguntou assim: “Cê fez anotação de alguma coisa?”, eu falei: “Fiz!”, “Deixa eu ver”, eu falei: “Ah, tá lá no quarto”. Subi e fui pro quarto. Lá no quarto eu pensei assim: “Quer saber de uma coisa? Eu não vou conversar com esse povo mais não”. Sabe aquela hora que você sente o perigo mesmo? Perigo pra valer? Aí eu fiquei lá, arrumei minhas coisas, tô lá arrumando minhas coisas, arrumando minha mala, que eu ia pegar um táxi e ia embora. Quando passou cinco minutos o sargento voltou lá e bateu na porta: “O tenente mandou perguntar se você não vai descer”, “Você fala com o tenente que eu não vou lá mais não”. Aí o sargento estava com um papelzinho: “Então deixa eu pegar seus dados aqui”, falei: “Escuta, o senhor tá me intimidando? É isso que o senhor tá fazendo?”, “Não, ele falou que eu tenho que pegar os seus dados aqui”. Ele pegou os meus dados e anotou todos os meus dados num papelzinho lá.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Nome, localidade...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Tudo! Pegou tudo! Número de documento, tudo! Falar nisso, eu nunca, eu já tinha esquecido disso! Eu nem nunca olhei meus dados lá. Nunca olhei. Aí eu virei pro sargento e falei assim: “Ô sargento, o senhor sabe porque eu tô aqui, não sabe?”, ele falou: “Sei”, “E o senhor sabe quem foi que fez a denúncia, não sabe?”, ele falou: “Sei”. Ou seja, o sargento sabia. “O quê que o senhor me sugere?”, ele falou: “Vai embora”, “Por que o senhor acha que eu devo ir embora?”, ele falou assim: “Chega aí na janela e dá uma olhada lá fora. Olha o quê que cê vê”. Sabe essas janelas que você puxa e faz assim?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Tipo isso aí. Eu peguei e puxei assim, ela abriu, olhei e tinha um homem, assim, um homem esquisito, assim, do outro lado da rua. Tinha uma praça perto, assim de cá da janela eu vi lá na praça, assim, tinham outros dois lá conversando. Ele falou assim, aí eu olhei pro sargento assim e falou assim: “Você tá entendendo o perigo que cê tá correndo?”, eu fiquei calado, pensando na vida, né. Ele virou pra mim e falou assim: “Se você quiser ir embora, eu vou te proteger para você ir embora. Eu vou te falar o quê que vai acontecer: se você ficar aqui, eu vou ter que botar dois guardas lá embaixo, porque o senhor tá correndo risco de vida, quero te avisar isso. Tá correndo sério risco aqui. Você tá correndo muito risco mesmo. É melhor o senhor ir embora. Eu ponho dois guarda lá embaixo, só que tem uma coisa, só tem seis soldados aqui em Campo do Meio, quem comanda eles sou eu. Se eles fizer uma briga, arrumar uma briguinta daqui uns três quarteirão daqui e falar assim: ‘Ah, tá ocorrendo uma violência aqui’, eu vou ter que levar os seis soldados pra lá, você fica aqui sozinho, eles vem cá e te mata. O quê que você prefere?”. Eu falei: “Eu prefiro ir embora”. Ele falou assim: “Como é que cê vai embora?”, eu falei assim: “Eu pego um táxi ali e vou até a cidade de Campo do Meio de táxi”, porque não tinha ônibus pra eu ir embora. Olha pra você ver, eu viajava de ônibus. Fetaemg nessa época não tinha carro, não tinha nada. Aí peguei o táxi. Lá ele arrumou, o próprio sargento arruou táxi pra mim, ele falou assim: “Eu vou te ajudar”.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E você ainda conversou com o tenente?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: O sargento falou assim: “Eu vou pedir o táxi pra parar aqui na porta”. Eu falei assim: “Você pede desculpa o tenente lá pra mim, que eu vou embora”. “Eu não vou lá conversar com o tenente não”. Aí na hora que o táxi parou, que eu fui pegar o táxi, o cara ficou (Trecho Incompreensível), eu acho que eles, né, eu saí no táxi e a patrulha atrás. Eu tive que sair da cidade escoltado. O presidente da Fetaemg morava numa casa aqui na frente, quando você sair, que você vê uma casa amarela do lado de lá, ele morava ali. Quando eu cheguei aqui em Belo Horizonte eram duas horas da manhã. Fui acordar ele, duas horas da manhã.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Montalvão.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Falei: “Ô André, cê desculpa aí, aconteceu isso, isso, isso e isso e tal. Por causa disso que eu tô te chamando duas horas da manhã”, um negócio

complicado, rapaz. Aí o Montalvão queria pegar o carro e nós voltar pra lá na mesma hora. Falei: “Não vou não!”. Falei: “Você vai pra lá que você vai levar quantos policiais armados? Quantos você vai levar? Parece que você não entendeu!”, “Não, mas cê tem que ir comigo”, falei: “Não vou, não senhor! Se você quiser voltar pra lá, você volta sozinho, porque eu tô falando uma coisa grave pra você, você tá achando que eu tô brincando”. Falei: “Não, senhor. Não é assim, não”. Sabe o que aconteceu? Os trabalhadores, sozinhos, entraram em greve e mataram gente lá.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mataram...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Passaram, viraram carro, incendiaram carro, incendiaram canavial pra tudo quanto é lado, eles queriam botar fogo na usina!

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Isso logo depois do seu retorno?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Aconteceu isso.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Uns 4, 5 dias depois.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Por que eles formaram uma comissão, né?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Isso aí, essa greve deles aí, aí eu já não estava lá não. E eu não fui lá na greve também não. Mas gente de lá me contou que eles fizeram, ih!

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas algum trabalhador morreu? No caso trabalhador rural.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não. Não. Quem eu sei, assim, que eles mataram, foi um chefe que tinha na usina, um chefe que tinha na usina lá, que vivia maltratando muito eles, aí eles meteram o facão nele. Mataram. Fiquei sabendo disso. Não sei, só o que eu fiquei sabendo. Não sei se é verdade também não.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum. E a Fetaemg produziu algum documento sobre a greve...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Desse assunto?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: ...alguma ação...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Foi toda uma mobilização por parte deles, né. Localmente, né?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Deles, é. Por parte deles. E eles resolveram isso lá sozinhos. Aí eu, sabe, em termos de trajetória teve várias greves também lá no Triângulo Mineiro que eu participei delas, mas assim, o maior envolvimento de polícia dentro delas, lá no Triângulo Mineiro, não teve não. Assim, não teve essa coisa que aconteceu em Passos, com policiais, não aconteceu não. Só...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O senhor se lembra, só pra fechar, do nome desses policiais? O nome de alguém?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não. Só lembro do nome do Clóvis.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Do Clóvis.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Do nome do Clóvis. Eu lembro que parece que um dos chefes da usina chamava Pimenta, chamavam ele de Pimenta. Mas também eu não sei.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum. E eram condições análogas à escravidão?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Olha, a situação dos trabalhadores na usina, no alojamento, era muito complicado, sabe? Tinha muita sujeira, tinha muita bagunça, muita gente amontoada. Muito parecido com o que a gente vê nos presídios, aquela promiscuidade, sabe, aquela situação muito difícil. Inclusive quando eu fiquei sabendo que os Sem Terra ocuparam a (Trecho Incompreensível), eu chorei. Chorei. Se eu tivesse ficado sabendo que eles iam ocupar lá, eu tinha ido pra ocupação também, sabe? Porque eu chorei, porque o aperto que eu passei lá, de morrer, não foi pequeno não. Muito grande.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Bom, em relação ao sul de Minas, o senhor não tem mais nenhum detalhe sobre algum sindicato? Seja pela resistência ou seja pela infiltrados. Não, né?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Certo.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Agora, eu fui pro Triângulo Mineiro e lá aconteceram algumas greves. Não teve, assim, como eu estava falando, não teve nenhuma questão vinculada à polícia, e tal.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Você ficou exatamente onde no Triângulo Mineiro?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Eu fiquei morando em Uberaba, porque eu casei lá em Uberaba, o sogro morava lá e tal. Então assim, eu fiquei lá, mas eu fiquei pouco tempo, porque a Cida era presidente do sindicato de Unaí, foi a primeira mulher presidente de

sindicato no estado de Minas Gerais. E eu via os relatos que chegavam aqui falando dela, eu ouvia isso.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Que relatos?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Relato assim, que ela era uma mulher muito disposta pra luta, sabe? Era uma pessoa que tentava organizar os trabalhadores na luta pela reforma agrária.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Então assim, eu ouvia falar que a Cida, eu tinha uma ligação muito grande com esse setor de reforma. Então assim, a Cida, as notícias que ela era uma pessoa de luta, de muita luta, sabe? E eu, quando encontrava com ela aqui em Belo Horizonte, na Fetaemg, eu ouvia ela falar, os relatos que ela fazia, então assim, eu tinha muita identidade com aquilo que ela falava. Aí eu pedi a Fetaemg pra eu ir pro noroeste de Minas, pra eu ir pra lá, pra eu ajudar na luta pela reforma agrária. Quando eu cheguei no noroeste de Minas, só tinha esse tipo de luta lá em Unaí. Tinham algumas resistências em Arinos, em Bonfinópolis. Aí, vou te falar uma coisa...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O polo era Unaí, né?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: O polo da luta?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Da luta.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: De mobilização.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim. Mas como é que era essa luta? Como é que era essa luta naquela época? Essa luta era assim: os parceiros agrícolas, os parceiros agrícolas, resistiram a terra como posseiro, eles resistiam como posseiro. Então eu cheguei, peguei o estatuto da terra, fui ler o estatuto da terra, e eu descobri umas coisas no estatuto da terra que eu não sabia, estudei muito o estatuto da terra, fiquei uns quatro meses só estudando o estatuto da terra. E aí, eu vou te falar uma coisa assim que, é muito pouquinha gente que sabe, mas é muito pouca. Talvez, no máximo, umas três pessoas, quatro. Eu criei um método de organização dos Sem Terra fora da terra. O método, fui eu mesmo, para organizar os trabalhadores na luta pela terra fora da terra. Quando eu cheguei lá, a luta era dentro da terra. Mas com método, assim, diferente daquilo que eu fiz.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas em relação àqueles que foram expulsos?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Aquele método que existe ali, eu tô questionando ele? Não. Eu tô dizendo que eu criei outro método diferente, aí eu e a Cida tivemos divergência, porque na cabeça dela, ela achava que aquilo não tinha jeito de você lutar fora da terra, não tinha jeito de você fazer isso. Falei: “Calma, vamos testar, vamos ver se dá certo”, mas ela não aceitava de jeito nenhum. Aí ela sugeriu pra eu fazer essa coisa, mas em outras cidades e eu não fiquei em Unai, eu fui para João Pinheiro, fixei residência em João Pinheiro e fui conversar com alguns diretores de sindicato e teve um, em João Pinheiro, que a gente conversando, ele achava que a coisa mais importante de luta sindical deveria fazer era a luta pela terra.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas como seria esse método fora da terra?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Esse método fora da terra que eu criei foi assim, você pegava um município, fazia um zoneamento do município, regionalização do próprio município, cada local desse eu fazia reuniões, tirava comissão do trabalhador, discutia com eles a reforma agrária e vamos pressionar os órgãos públicos pra fazer a desapropriação. Vamos pressionar os órgãos públicos para fazer a vistoria, vamos pressionar os órgãos públicos para dar celeridade à vistoria e tal, quem criou fui eu mesmo. Sabe? Mas os posseiros de Unai, que resistiram à terra, a maior parte deles conseguiram ficar na terra e transformar em assentamento. Mas para você ter ideia, isso foi em 85, 86, mais ou menos.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Tanto que a Cida fazia as caravanas pra Brasília.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim. Mas pra você ter ideia, até hoje lá tem uma área lá que chama Tabocas, que não foi resolvido até hoje.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum. A gente encontrou documentação. Tabocas.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Pois é, não foi resolvido.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Então o senhor estava em João Pinheiro, né.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É, passei a organizar, onde já tinha posseiro, continuar a luta, juntar isso dos trabalhadores fora da terra com mais os trabalhadores dentro da terra pra gente fazer uma luta só. (Trecho Incompreensível), Fazenda Menino lá em Arinos e tal. E você pode ter certeza que no mínimo, não sei, faz tempo que saí do noroeste de Minas, mas quando eu saí de lá, essa luta, esse modelo de luta pela terra fora da terra já estava implantado em todos os municípios aonde tinha sindicato do trabalhador rural. Todos.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Em qual época que você estava nessa região, exatamente? Os anos.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Eu fiquei lá eu acho que foi de 85, foi de 85 a 92.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E qual sua percepção sobre o ano de 85, que muitos consideram como o fim da ditadura, em relação aos conflitos de terra? Ou em relação à mobilização de trabalhadores rurais, ou a sua, sejam dificuldades ou desafios para a sua atuação na Fetaemg.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Só uma questão antes de chegar nisso.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Sim, claro.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Tem um detalhe aí, tem alguns detalhes que eu acho que eles são importantes do ponto de vista do envolvimento da polícia nos conflitos agrários.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Sim, vamos então detalhar esses conflitos, situações e depois...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Por exemplo, na cidade de Arinos tinha um delegado de polícia que se envolvia demais no conflito lá da Fazenda Menino. Delegado de polícia que envolvia demais com isso lá.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Você se lembra o nome dele?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Márcio. Márcio Carence. Ele se envolvia demais nos conflitos lá para expulsar posseiro, pra fazer essas coisas. Aí nós fizemos, juntamos o povo e fomos lá na delegacia de polícia ter uma conversa com ele. Vou te falar uma coisa. Foi uma conversa franca. Nem fui eu que fiz, preparei os trabalhadores, quem preparou fui eu mesmo. Preparei os trabalhadores pra conversar com ele, e ele não se envolveu mais depois dessa conversa, ele parou, sabe? Os trabalhadores deram uma, falaram que iam denunciar ele. Falei: “Primeiro vamos conversar com ele”, porque eu sempre acreditei muito no diálogo, só que tem gente que não quer diálogo não. Segunda coisa...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ele atuava então junto aos fazendeiros na expulsão.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não, no caso da Fazenda do Menino, lá é uma disputa de posseiro com posseiro, lá é muito grande. Então os posseiros pressionavam os posseiros pra sair, pra ceder o lugar pra outros, entendeu? Isso aconteceu, por causa disso que nós tivemos essa discussão com ele. Segunda...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas no caso qual é o interesse desse delegado?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não sei.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Interferir ali...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não sei. Eu suponho, eu, pra mim que tô longe, a gente fica desconfiado de muita coisa, né? Eu suponho que da parte dele talvez ele queria, como delegado, resolver o conflito, no método que ele achava para resolver o conflito era dessa maneira.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Entendi.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É tanto que lá, vários foram assassinados lá, sabe? Vários posseiros foram assassinados. Vários.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O senhor conheceu o Eloy?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Conheci.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: No caso? O filho dele, Paulo.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Conheço.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ele relatou inclusive depois da morte do pai houve várias ameaças contra ele, né.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: O Paulo?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Contra o Paulo.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim. Mas outras questões relacionadas, por exemplo, envolvimento de polícia nos conflitos agrários lá do noroeste de Minas, eu vou falar assim, uma coisa que eu não conheci. Eu não conheci nenhum assentamento de reforma agrária que não teve polícia no meio. Eles se metem mesmo. Eles se metem mesmo.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Em que sentido?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Eu acho que existe uma orientação, uma orientação de conduta militar para proteção patrimonial, principalmente dos grandes, porque quando é o fazendeiro ou latifundiário que tá grilando a terra do posseiro, a conduta militar ela é diferente. O militar não vai ao local quando é o fazendeiro que tá tomando terra do posseiro. Nenhuma vez, como exceção, eles fizeram isso. Inclusive teve uma vez, por exemplo, onde hoje lá é uma região chamada Mandiocal, na cidade de, anteriormente era Bonfinópolis, um tal de Rufino, num dia de Sexta-feira da Paixão, foi lá na beira de uma posse dos posseiros lá, num leito de uma vereda, umas 6 casas, o cara chegou lá com

um bando de jagunço, cortou os esteios das casas, (Trecho Incompreensível) e botou fogo em várias. Aí nós chamamos o comandante militar, que ficava lá em João Pinheiro, Djalma, pra ele ir pra lá conosco para nos ajudar a resolver aquilo. E ele prontamente, ele, prontamente pegou o pessoal e ligou, depois que estava tudo arrumado dentro da viatura, ele ligou pro comando avisando que ele ia pra lá pra evitar uma tragédia maior, e ele não pôde ir, porque o comando não aceitou.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O Djalma, ele trabalhava exatamente onde?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ele ficava em João Pinheiro.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: João Pinheiro. Ele tentou ir para interferir, né.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Pra ver o que tinha acontecido...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Qual a atuação dos policiais, né.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim, um grupo de policiais.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E ele foi impedido por ordem expressa?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não, se a ordem foi expressa ou não eu não sei, mas que teve ordem de não ir, teve. É tanto que ele não foi. As coisas, as armas dos militares já estavam tudo dentro da viatura, que eles iam deslocar pra lá pra ver o que tinha acontecido. Tinha gente machucada, um monte de coisa tinha acontecido.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ele ia levar policiais para averiguar o que aconteceu.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Para averiguar o que aconteceu, para fazer boletim de ocorrência, essas coisas. E aí ele não pôde ir. Eu, a Sônia e o Sebastião...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: A Sônia da Fetaemg.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim. Eu e a Sônia nós fomos casados. Eu conheci ela dentro do movimento sindical, e depois nos separamos, mas é uma pessoa que eu respeito muito. Não é por causa da separação que a gente deixa de respeitar a pessoa. Pessoa de luta, bom caráter.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Então estava você, a Sônia...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É, e o Sebastião Neves.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Sebastião Neves.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Estávamos dentro do carro, na porta do quartel, para ir junto com a polícia. Nós tínhamos recebido os telefonemas dos trabalhadores. Hoje lá é Natalândia. Inclusive agora, esse fim de semana que passou, que teve Agriminas, tinha uma moça do Mandiocal lá, aí eu falei pra ela desse acontecimento lá, tinham mais outras duas pessoas com ela, mas a moça que mora lá no Mandiocal ela não lembra que isso aconteceu lá. Ela mora lá no Mandiocal hoje. Então assim, só que a gente, quando eu falo assim que eu nunca vi um assentamento sem envolvimento de polícia, é sem exceção.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Só para localizar no tempo, essa situação, ela ocorreu mais ou menos quando?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Essa do...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mandiocal.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Do Mandiocal deve ter sido em 87. 87, mais ou menos. 88. Por aí. 87, 88. Agora, outras coisas assim que acho complicadas para a comissão da verdade, é que grande parte desses assassinatos que aconteceram, por exemplo, quase todos os posseiros que foram assassinados, que eu conheci, eles reclamavam, eles davam queixas, falavam que estavam sendo ameaçados. A polícia sabia quem. A polícia sabia quem. Aí ninguém vai preso. O pai da Cida, conheci o pai da Cida, sabe?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Você conheceu outros também que foram assassinados?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim. Conheci outros.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Você se lembra agora?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Me lembro do Natal. Natal, o irmão dele foi assassinado dentro da Fazenda Carvão, lá em Arinos. Eu conheci um cearense...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Natal e o irmão?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Os dois eram irmãos.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Qual o nome?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: O irmão não lembro. Mas era lá na Fazenda Menino.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Natal.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É, o Natal e o irmão dele. Parece que o cara que assassinou é um tal de Alfredo. Pra você ter ideia, eu fui lá fazer uma reunião com o Natal, porque ele estava reclamando da dificuldade que estava acontecendo com ele, das ameaças que ele estava sofrendo, falei: “Ó, Natal, pensa aí a possibilidade de você ir embora. Larga isso aí e vai embora, porque realmente você tá correndo muito risco”. Estava eu, a Lia e o Otacílio, nós fomos para lá reunir com eles pra discutir aquela situação. Dava pra perceber que se eles não saíssem, eles iam ser assassinados, sabe? “Larga isso. Porque matar o cara, você não vai querer matar. Morrer, você não vai querer morrer. Então larga isso. Vai embora. Escuta bem o que é que eu vou te falar, porque eu vou te falar uma coisa”, de medo, de novo. Na hora que eu saí de lá da fazenda Menino, eu passei num boteco, tipo boteco, mercearia, essas coisas do interior. O cara que estava ameaçando eles estava lá dentro. Eu fingi que eu sabia quem era ele, fiz de conta que eu queria comprar um litro de álcool pra pôr no carro, que eu estava com medo do álcool do carro acabar. Aí eu entrei lá, perguntei se tinha álcool, ele falou que não. Quando eu ia saindo, eu escutei uma voz: “Ô Rômulo”, continuei andando. “Ei, Rômulo, tô te chamando, vem cá”. Olhei pra trás e era ele. Ele vestindo uma blusa grande, tipo um blazer, sabe? E eu olhei assim e falei: “Putá que pariu! Eu vou ser assassinado agora, ô meu Deus. E agora?”, “De onde você tá vindo, Rômulo? Eu estava aqui te esperando, que eu achei que você ia passar aqui, porque quase todo mundo que sai daí passa aqui. Eu estava aqui te esperando. Você tá vindo de onde?”, eu falei: “Você sabe de onde é que eu tô vindo?”, “Não, não sei não. De onde?”. Falei: “Lá da casa do Natal. Lá da casa do Natal. Estava reunido com ele lá, com o irmão dele, eles falando o que estava acontecendo com vocês. Deixa eu te pedir uma coisa? Posso?”. Aí ele falou assim: “É, rapaz, eu achei que você ia mentir. Achei que você não ia falar que você estava lá, mas eu sabia que você estava lá, viu?”, “Eu sei que você sabia”, “O que é que você tem pra me falar?”, ele falou assim. Falei: “Eu posso te pedir uma coisa? Larga isso! Pra quê vocês ficarem brigando desse jeito? Larga isso! Larga isso! Faz um acordo com eles. Se você quiser fazer um acordo, eu ajudo vocês fazer um acordo, mas vocês tem que parar de brigar! Briga não ajuda. Se vocês continuar brigando de um matar o outro, quem ficar aí não vai ser vitorioso. Vai ter aborrecimento, dor de cabeça, larga isso pra lá. O que eu tenho pra falar com você é isso, foi a mesma coisa que eu falei pra eles. Larga pra lá. Ou então faz um acordo. Um acordo vai ser bom pra eles e vai ser bom pro você. Se esse conflito aumentar, vai ser ruim para vocês todos”. Passou uns quinze dias, ele matou os dois.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E o Alfredo, ele não trabalhava pra alguém? Ele estava envolvido diretamente?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Todos eles, todos eles não trabalhava pra alguém, todos eles eram posseiros lá da fazenda Menino.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Posseiros. Entendi.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Da Fazenda Menino. Então assim...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas como era um conflito que se arrastou ao longo dos anos, a disputa por terra levou a intensificação da violência?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É, é. Então assim, no noroeste de Minas eu conheci muitos casos de latifundiário destruindo cercas pra poder grilar terra de posseiro. Mas muitos e muitos casos. A polícia nunca quis fazer 1 boletim de ocorrência. Mas na hora que os Sem Terra se organizam e vai lá ocupar, se eles ficarem sabendo, eles cercam para os Sem Terra nem chegar lá. Então pra mim existe uma orientação do alto comando militar, isso aí não é coisa de um soldado que tá lá embaixo, é do alto comando militar, orienta o seguinte: o grande pode fazer tudo. Agora, quem tá embaixo é que vai se danar. Porque, o que mais eu posso pensar, que seja diferente? E acho que essa metodologia, ela é uma coisa perigosa para toda a sociedade. Porque isso a gente vê, acontece não é só lá no campo, não. Isso acontece no setor urbano, a mesma coisa. Então todos nós corremos algum risco, dentro disso parece que foi uma organização criada com esse fim, de proteção patrimonial, sabe? E quanto maior o patrimônio, maior a proteção. Então pra mim, eu vejo...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Sobre essas situações de policiais, o senhor gostaria de detalhar outras situações específicas, outros exemplos...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Olha, eu vou te falar só uma coisa que a polícia fez e que eu acho positivo, eu acho positivo. Porque até a gente criar esse método, esse método de luta fora da terra, o envolvimento dos policiais, pelo menos que a gente tinha notícia, o envolvimento militar era muito contundente, era muito duro. Ele era muito repressivo, sabe, com os posseiros. Esse método, (Trecho Incompreensível), então assim, "Você não tá fazendo essa coisa de novo, né?", do grande patrimônio. Existe um conflito, mas ele não se coloca lá dentro do espaço, ele se coloca com o governo. Eu vou te falar uma coisa que eu acho positiva. Esse militar que pegou as coisas dele pra ir junto conosco, ele virou comandante, ele chama Djalma.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Você lembra o sobrenome dele?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não. Só conheci ele como Djalma. Ele era tenente, depois virou capitão. Eu não sei, quando sobe a patente eu não sei o nome como é. Ele foi para Paracatu. Paracatu. E ele aumentou a região de abrangência dele de comando. E ele, ele foi uma pessoa que eu reconheço, foi uma pessoa moderada, que ajudou a criar um método diferente de relação dos militares conosco, que lutávamos. E eu percebi que ele, com muita sinceridade eu tô falando, eu percebi que era uma pessoa num outro nível de compreensão. Muitos conflitos no noroeste de Minas não aconteceram de uma forma mais contundente porque ele mesmo teve paciência, teve sabedoria, soube se conduzir em conversa conosco, em conversa com a Sônia. Chegou ao ponto de ele um dia ir lá na minha casa, quando eu a Sônia ainda era casado, a gente morava em João Pinheiro, ele ia lá e fazia reunião conosco pra poder discutir conflitos que estava com muita dificuldade, corria risco de se transformar em assassinatos e mais assassinatos. Então assim...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ele tinha uma postura de diálogo...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Tinha.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: ...invés da repressão.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Tinha. Tinha. Tinha uma postura de diálogo, e ele ajudou muito. E eu até gostaria muito, nessa altura da minha vida, eu com 61 anos...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ele era mais velho na época?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Era. Eu gostaria de encontrar com ele, poder dar um presente pra ele, sabe? Hoje ele deve estar aposentado. Era uma pessoa que se conduzia com dignidade, sabe? É uma pena, né, pessoas como essas não recebe prêmio, não recebe medalha, não recebe nada. A pessoa, ele, realmente ele teve atitude diferenciada. E teve algumas pessoas também, da P2, que seguia a gente, chegava e avisava, se identificava como P2. Pra você ter ideia, é claro que isso faz parte da metodologia do comando, "Se você ver que tá precisando de alguma coisa, tem meu telefone aqui". Nunca chamei nenhum deles, nunca chamei. E tinha um, que acho que é Marçal, eu não tenho certeza não, foi Marçal o nome dele. Um casinho que eu acho que é importante. Ele sempre chegava: "Ou, Rômulo, como é que cê tá fazendo isso?", eu falava pra ele. "Como é que cê tá fazendo aquilo outro?", falava. "Como é que cê tá fazendo aquilo outro?". "Pois é. Você deveria cuidar de tal coisa, assim, assim, em tal lugar", falava pra provocar, né?

Mas falava assim, não era pra provocar para irritar eles, não é isso. É pra provocar num tom de brincadeira, de colaboração, de boa compreensão. E um dia eu criei um questionário para os trabalhadores fazerem levantamentos pra gente fazer um mapeamento dos imóveis com maiores condições de desapropriar. Então eu criei uma tabela cheia de número, cheia de dados pra eles levantar. Naquela época não existia o computador, a gente fazia tudo era no mimeógrafo. Ô meu Deus do céu”.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Pois então o capitão chegou, como eu criei esse questionário para os trabalhadores fazerem o levantamento, ele chegou pra mim e falou assim, lá em João Pinheiro...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O Marçal, no caso.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Eu acho que é Marçal, não tenho certeza não. “Ô Rômulo”, ele parou do carro no outro lado, assim, tinha quatro pessoas dentro do carro, “Vem cá, Rômulo”, ele me viu. Cheguei lá: “E aí, como é que vai, tenente?” e tal. Falou: “Eu fiquei sabendo que vocês estão reivindicando as apropriações da fazenda Estrela, é verdade?”, eu falei: “É”, “Por quê?”, “Uai, porque lá, com base nos dados que nós temos, lá se caracteriza como latifúndio improdutivo”. Ele falou: “Qual dado cê tem? Cê tem os dados de lá?”, falei: “Tenho”. Ele falou assim: “Como que cê pegou esses dados?”, falei: “Uai, eu criei um questionário”, expliquei pra ele e tal, “para os trabalhadores levantar, e eles foram pra lá e andaram tudo lá e levantaram”. “Você confia nos dados?”, falei: “Confio nos dados que tem aí comigo, eu confio”, “Por que você confia?”. Eu falei: “Porque a pessoa que fez, ou as pessoas que fizeram são pessoas sérias, não duvido nada do caráter”, “Você tem cópia desse negócio aí?”, eu falei: “Tenho”. Ele falou assim: “Já preenchido, cê tem?”, falei: “Tenho”, “Você me dá uma cópia”. Falei: “Dou. Você me aguarda um minutinho”. Fui lá, peguei uma pasta, bonitinha, trouxe. Falei: “Tá aqui”. Estava vindo um carro na hora, parado na rua, (Trecho Incompreensível) um carro, passei do outro lado assim e entreguei pra ele. Ele falou: “Ô Rômulo, se você precisar de alguma coisa, cê já sabe, cê me liga e tal”, falei: “Tá bom”, aí despedi dele. Aí na hora que uma das pessoas que estava atrás foi despedir de mim, falou assim: “Tchau, mané”, eu falei assim: “Pera aí”. Falei: “Como é que é, rapaz? Tchau mané?”. O Capitão chegou: “O senhor me permite eu falar uma coisa aqui?”, ele não falou nada. “O senhor me permite? Deixa eu falar uma coisa aqui. Posso falar?”, ele falou: “Pode”, “Dá próxima vez que o senhor voltar aqui, o senhor não traz esse cara aqui mais não”.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Que era policial também?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não sei. Pode ser quem for. Pode ser o que for na vida, sabe? Mas eu suponho que seja também. Falei: “O senhor não traz ele aqui mais não, que eu prefiro o senhor bem acompanhado do que andar com um babaca desse aí. Agora, se você acha que eu sou mané mesmo, você desce do carro aí. Desce”. “Eu vou fazer um pedido para o senhor, capitão, esse aí o senhor não deixa ele como P2 aqui não, não me responsabilizo por você se você for fazer uma ocupação de terra que eu estiver não. Tô te avisando, viu?”. Nunca mais eu vi o cara. É claro que o capitão chamou a atenção dele. Mas não é assim não, ué. Por que eu tô colaborando, o que eu entreguei para a polícia é coisa conhecida, não tinha nada demais. É apenas a caracterização produtiva do imóvel. Não tinha nome de trabalhador, não tinha nome de ninguém, era coisa minha. Não tinha nome de ninguém, eu não estava entregando ninguém, eu estava mostrando pra ele que eu tinha uma metodologia, e qual é o problema? Porque o imóvel, para ele ser desapropriado, ele tem que ter as características para desapropriação. Apenas mostrei isso pra ele. Não tinha nada demais ali. É porque eu fiz isso que o cara vem debochar da minha cara, como se eu fosse idiota? Então tô te falando uma coisa que era, né. Mas o importante dentro disso é que tanto os P2 que acompanharam lá na época, quanto o Djalma, eles foram, que eu acho assim, não posso reclamar deles não. É claro que a polícia chega com ordem judicial para despejar trabalhador. A gente vai gostar disso? Não. Claro que não. Mas eles, sempre que a gente pedia eles: “Escuta, deixa ficar mais uns dias aqui, porque tem umas coisas que nós tão resolvendo aí e tal”, sempre foi possível dialogar com o Djalma quando... você vê que é tanto, que olha a quantidade de assentamento que tem no noroeste de Minas. A quantidade que tem. Quero te falar que todos eles, todos não, menos alguns em Unaí, e um em Bonfinópolis, o resto todinho foi com base no método que eu criei, viu? Que eu criei um método pensando assim: se eu morrer, ele vai ficar aí como método de luta dos trabalhadores.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Entendi. O senhor mencionou a questão de ter conhecido pessoas que foram assassinadas, citou a situação do Natal. Há outras situações que o senhor gostaria de...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Tem...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: ...ou de ameaças também, que o senhor presenciou.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não, ameaças eu nem sei quantas que eu tive, não vou tomar seu tempo com tanto tempo de ameaça.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas a gente gostaria de ouvir. Se tiver o máximo de detalhes em relação a um fazendeiro ou um agente público...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ó, ó. A coisa mais, assim, vamos dizer assim, de todos os casos, que foram muitos, mas foi, aconteceu inclusive com a Sônia. Um dia nós estávamos no sindicato lá em João Pinheiro, chegou o filho de um latifundiário, já morreu, ele já morreu...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Qual o nome dele?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Chama-se Ivan. Ivan de Freitas. Chegou no sindicato perguntando pelo Tião. Lá na casa, na casa, sabe, perguntando pelo Tião. O Tião não estava. “Eu vim aqui porque eu vou assassinar o Tião, vou matar o Tião, viu? Tô avisando vocês”, ele falando, “que eu vou matar o Tião”, e tal. E aí a Sônia tinha entrado com uma ação trabalhista contra a mãe dele, tinha poucos dias, a Sônia tinha ganho uma ação trabalhista contra a família dele, um trabalhador rural. E aí a Sônia ouviu ele ameaçando o Tião de morte, eu estava assim, na mesma sala, eu perguntando pra funcionária (Trecho Incompreensível). Aí a secretária do sindicato, a recepcionista e tal, sentada assim numa escrivaninha e eu em pé com um rapaz, nós dois estávamos conversando, chama Silvano, nós estava conversando, sabe? E ele chegou ameaçando o Silvano, afastou pra cá, assim, sentou numa cadeira, e a Sônia veio de lá de dentro, chegou lá na porta, assim, quando ele viu a Sônia ele falou: “Ó, e a primeira que eu vou matar é você, viu?”. A Sônia virou e falou assim: “Mata nada, cachorro”. Minha filha! Ele partiu de lá pra pegar a Sônia. Eu nem sei o quê que eu fiz, mas eu só sei, assim, que eu agarrei ele e joguei ele fora do sindicato. Peguei ele pelo pescoço e botei lá fora do sindicato. Aí ele entrou dentro do carro dele, acho que pegou uma arma lá, pegou uma arma lá, ficou me chamando pra fora, tinha uma pilastra em frente a uma varandinha, assim, uma pilastra em frente, assim, eu fiquei escondido atrás da pilastra, com medo de ele entrar armado dentro do sindicato e matar a Sônia, porque ele estava ameaçando de matar a Sônia e o Tião. Tá bom.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Isso pela questão dos direitos trabalhistas?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não, conflito agrário.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Conflito agrário.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Porque ele tinha ficado sabendo que o Tião estava reivindicando a desapropriação da fazenda deles, e que ia organizar os Sem Terra para

invadir a fazenda dele. Inclusive falou assim, e quem tinha falado isso pra ele era um tenente que estava lá na cidade de João Pinheiro, olha pra você ver, ainda tem envolvimento da polícia no meio. Eu estava até, tinha até esquecido disso. Aí ele tá lá no carro lá, assim, numa posição como se estivesse armado, e eu atrás do pilar, foi na mãe dele, chegou, a mãe dele chegou, conversou com ele e ele saiu. Quando passou mais ou menos uns cinco minutos, dez, no máximo, o presidente do sindicato patronal foi lá. Chama-se Ge Porto.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ge Porto?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É, lá de João Pinheiro. Geraldo Porto. Chegou lá: “Olha, é o seguinte, eu fiquei sabendo de umas coisas que estão acontecendo aqui, e o Ivan foi ameaçado aqui” (Trecho Incompreensível), e ele também, o Gê Porto, ele é latifundiário, inclusive é dono de um cartório lá em João Pinheiro.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ele era dono do cartório e latifundiário?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. E presidente do sindicato.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E presidente do sindicato.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Patronal. Aí depois dele ameaçar muito, eu levantei e falei: “Escuta aqui, rapaz. Quer dizer que o Ivan entra aqui nos ameaçando de morte, depois vem você ameaçar também? Cê tá achando que nós estamos com medo de você?”. “É isso?”, aí o Tião não estava lá ainda, sabe? Ele pegou, achou eu de uma antipatia muito grande, como é que o cara chega pra ameaçar e eu vou tratar ele de que maneira? Com beijo, carinho e abraço? Saiu ele, o Gê Porto não voltou a nos incomodar, mas esse Ivan, ele me ligava todo dia me ameaçando. Ameaçando que ia matar a Sônia e ameaçando que ia me matar. Todo dia, todo dia (Trecho Incompreensível). Foi mais ou menos uns...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Quer que chama ela?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Há?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Quer que chama ela?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não, não precisa não. Eu acho que é importante depois se você puder você entrevistá-la. Essa mulher tem mais coragem que você imagina, sabe? Respeito muito ela. Todos os dias ele me ligava. Foi indo um dia... você conhece ela?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: A gente fez o depoimento dela.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ah! Ela falou isso?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ela não mencionou essa situação.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Pra você ver.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Vou perguntá-la.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Eu acho que é importante. Nós inclusive fomos ao comando militar aqui, denunciemos o...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Isso que eu ia perguntar.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Denunciamos o tenente lá de João Pinheiro e eles tiraram ele de lá.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Nome do tenente você se lembra?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não lembro. Não lembro.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ele foi apenas realocado.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Tirado de João Pinheiro.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É, tiraram ele de lá.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas fora a questão da denúncia, houve alguma ação contra o fazendeiro?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Nós entramos com um processo contra ele, de nos ameaçar.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas a polícia local fez alguma coisa?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Mas foi ainda ele morreu sem nunca ter uma audiência. Eu nunca fui chamado na delegacia de polícia. Nunca fui. Nós fizemos a denúncia. Nunca fui chamado na delegacia de polícia para depor a respeito disso. Nenhuma vez. Ele me ameaçava todo dia. Um dia eu ia passando na rua, é verdade o que eu vou te falar. Como é que foi que ele parou de me ameaçar? Um dia, passando na rua, estava muito irritado com as coisas que tinham acontecido, e ele estava sentado no jardim da pracinha, assim, lá em João Pinheiro, começou a me chamar de todos os nomes que ele me chamava por telefone, sabe? Aí eu não sei de onde foi, que eu tinha muito medo dele, na verdade toda vez que ele me ligava eu falava que eu tinha medo, é verdade. Voltei, sabe, voltei, cheguei lá e ameacei ele. “Ô gente, vocês todos aí, ó, escuta aqui o que eu vou falar pra esse cara aqui: se esse cara aparecer morto, fui eu que matei ele. Esse cara”. Olha, ele falava que ele ia estuprar a Sônia, que ia estuprar a nossa filha

pequeninha, ele falava que ia me torturar, e ele me ameaçava de todas as coisas, de todos os jeitos mais perversos do mundo que pode existir, cê pode ter certeza que ele me ameaçava, e eu sempre respondia pra ele com humildade, falando que eu estava com medo dele. Só que eu fui criando um medo dentro de mim tão grande, mas tão grande, mas tão grande, que estava perigoso eu matar ele, de medo. De medo dele me matar. Aí depois que eu reagi com ele, fiz isso, expliquei para todo mundo o quê que é que ele estava fazendo, aí eu acho que os amigos dele vai ver aconselharam ele, né, e ele nunca mais me ameaçou.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Isso foi em qual época?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ah, isso deve ter sido em 88, por aí. 90.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas as ameaças começaram em 88, 90, ou já correu durante anos?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ameaça sempre teve.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas desse Ivan, especificamente.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Pois é, foi nessa época.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Foi nessa época, né. Entendi.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Então assim, teve... isso é pra você ver, vai ver que a Sônia também esqueceu, né, que nós dois quase morremos por causa do envolvimento do comando militar de João Pinheiro, o cara ficou irritado, mas vai ver que o tenente também até falou brincando com ele, porque eles brincam muito com os outros. São muito brincalhões, às vezes até falou brincando e ele achou que era sério isso aí.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Situações com fazendeiros, você se lembra de outras situações, ou de grilagem de terras?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Olha...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ou de alguns grileiros que...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: (Trecho Incompreensível) Antônio Luciano? Não, né?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim, nós, Antônio Luciano...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Você teve algum contato ou...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Como é que é?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Você teve algum contato?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Olha, o Antônio Luciano, eu vi, aí é uma coisa que eu vi, o Antônio Luciano chegar aqui na Fetaemg, com cinco jagunços ou mais, pra matar o André Montalvão. Ameaçar o André. Ele só não morreu porque ele não reagiu. Isso foi mais ou menos o quê? Em 84, por aí. Eu estava saindo da Fetaemg pra ir comprar cigarro, que na época eu fumava, eu estava saindo pra ir no boteco comprar cigarro, e o Antônio Luciano entrando. E eu não conhecia ele não. Todo mundo engravatado, sabe, de blazer. Naquela época que vestia, botava uma gravata, raramente você via uma pessoa vestir daquele jeito. Ele chegou e falou pra mim assim, eu saindo do portão, ele falou assim: “É aqui que é a Fetaemg?”, eu falei: “É”, “O André Montalvão tá aí?”. Eu falei: “Tá”, “Onde é que ele fica aí?”, aí eu expliquei pra ele até onde é que o Montalvão ficava, cê pensa bem. Aí fui lá no boteco comprar cigarro. Chegou lá, bebi um café, fumei um cigarro. Quando eu voltei, ele já tinha ido embora, mas estava o maior alvoroço lá dentro da Fetaemg com a ameaça que ele tinha feito ao Montalvão.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O que especificamente que aconteceu lá?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Olha, eu sei o seguinte, que ele falou para o André a respeito de uma questão de terra, foi conflito agrário, que era para o André parar de mexer aí com desapropriação de uma das fazendas dele. Mas eu não lembro mais qual fazenda que era.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E na região?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não lembro. Não lembro mais qual. Mas provavelmente o André deve lembrar, porque ele sofreu ameaça, eu lembro que depois disso eu comecei a (trecho incompreensível) com o André.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ele deu detalhes do que o Antônio Luciano, como ele ameaçou?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim. O André conhece. Eu não estava presente na hora, então não vi.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas estava todo mundo preocupado quando você voltou.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim. Nossa senhora! Eles até passaram a pensar, assim, como é que é o esquema que a gente tinha que montar para as pessoas poderem entrar dentro da Fetaemg, porque o André tinha corrido muito risco de ter sido assassinado. Lá era um salão grandão, com aquele tanto de mesa em volta assim dos diretores, todo mundo ficava na mesma sala. Se tivesse começado a matar um e matasse o resto, era a coisa mais fácil do mundo que tinha.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum. E houve alguma denúncia dessa situação?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não sei. Não sei se teve. Que aí no caso aí foi... quem teria que ter entrado era o André, né. Não sei se ele entrou.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum. Entendi. Voltando para o noroeste de Minas, o senhor se lembra de situações de assassinato, além do Natal?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Eu lembro de um senhor baixinho lá em Bonfinópolis, que foi assassinado lá em Bonfinópolis, ele morava na beira da estrada e ele era muito simpático, sabe, chegava lá e sempre falava com um sorriso no rosto. Ele foi assassinado.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O senhor se lembra dos nomes?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ele era...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Dele...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não lembro o nome, mas ele era posseiro que ficava na beira da rodovia, ao lado da rodovia da casa dele. Eu lembro, teve o Natal, teve, por exemplo, o... como é que ele chama, gente? O trabalhador lá de Arinos, que ele foi muito espancado pela polícia, sabe? Ele chegou lá em João Pinheiro, ele era todo desdentado, aquela barbona. Pra você ter ideia, a Sônia e o Tião fizeram coleta de donativos lá pra poder mandar ele pro salão pra cortar, pra poder comprar um sapato pra pôr no pé. Aí lá...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ele foi em João Pinheiro pedir ajuda ou...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É, ele foi lá encontrar com a Sônia, porque ele reclamava que foi o Márcio Carence que tinha batido muito dele, e que os...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O Carence que você mencionou, né, o delegado de polícia.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim. Sim. Engraçado, eu lembro da fisionomia dele, não lembro mais o nome dele.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Quer dizer, ele...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Mas a Sônia sabe quem é também.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O que ele disse para a Sônia?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ele disse que tinha sido torturado. Fez uma denúncia contra o delegado, lá em João Pinheiro, mas ele não, não sei se aconteceu alguma coisa, porque quem denuncia alguma coisa contra a polícia, a gente não vê nada que eles faz.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Esse Márcio Carence, ele continuou lá em Arinos...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ele era, eu lembro que ele era da cidade de Muzambinho.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Muzambinho.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: O Montalvão conhecia a família dele lá em Muzambinho.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Montalvão conhecia ele. Mas, e ele ainda ficou um tempo lá em Arinos, sabe? Ele tem um tipo físico, assim, ele andava com aquelas botinhas de saltinho, igual aqueles caras de filmes de faroeste, verdade mesmo. O jeito dele vestir.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Então esse trabalhador, ele foi até a Sônia denunciar esse ato de tortura e depois ele foi assassinado?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não, ele não foi assassinado não. Ele ainda viveu alguns anos.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ah, então foi especificamente esse ato de tortura contra ele, né.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É, é. Ato de tortura. E esse aí, ele tinha uma posse na fazenda Regalito, aí eu lembro, era na fazenda Regalito, e eu lembro dele falar que ele tinha sido torturado pra sair da fazenda Regalito, abandonar a posse dele.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Por grileiros, no caso. Latifundiários?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Latifundiário tomar a terra dele. Então ele tinha sido espancado pra largar tudo, mas ele não largou não.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Pela polícia, a mando de fazendeiro?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não sei a mando de quem.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas poderia haver aí.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Supõe que sim. Porque...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Pra ter motivo, né.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Qual que seria o motivo de torturar ele pra sair de lá se o fazendeiro não estava no meio? Isso é uma dedução.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Então quando ele fez o relato pra Sônia ele contou...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim, sim.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: ...que ele estava sendo pressionado pra...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Pressionado não, ele estava sendo espancado e torturado.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Além de espancado e torturado, ele foi pressionado antes para...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Sim.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: ...largar a posse dele.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim, é.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Entendi.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Teve esse caso, eu lembro do Lau, o Lau que era presidente do sindicato de Buritis, reclamar ameaças, o Venceslau. Tinha apelido de Lau. Ele foi assassinado.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Ele foi assassinado mais ou menos quando?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Eu acho que o Lau foi em 90.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: 90.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ele foi assassinado. Venceslau. Tinha apelido de Lau. Eu lembro de um que chamava João, tinha o apelido de João Papinho, lá do Riachinho. Ele teve todas as benfeitorias que ele tinha na posse dele, destruídas. E a pessoa que destruiu, ficou andando de avião lá, sabe? No dia do, rondando de avião por cima pra ver as coisas dele incendiadas lá por jagunço. Eu lembro, lembro desse...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Cê lembra de algum fazendeiro que se destaca na sua memória em relação talvez à violência? Ou ameaças?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Olha, o que destaca...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Além desse Ivan.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: O que mais destaca foi o caso do pai da Cida. Vou te falar porquê. Não tinha nenhuma condição, a possibilidade dele matar o pai da Cida, que é o (Trecho Incompreensível) Boaventura, é zero! Ele era um homem calado, pacífico, pacífico, aquela pessoa com uma conversa mansa, de paz. Sabe? Então assim, o assassinato do pai da Cida é uma coisa que me intriga muito na vida. Por que matou o seu Júlio? Olha, eu gostaria, se você pudesse, você ir lá ver por causa do quê que ele matou. A casa que o pai da Cida morava, o piso era assim, voltado pra dentro assim. Então, se eu botar uma bola lá em cima, mora num despenhadeiro, num despenhadeiro tão grande, mas tão grande, que quando nós íamos pra lá, o Tião não deu conta de descer a serra em pé. Sentou e saiu arrastando a bunda no chão. Matar uma pessoa por causa de uma coisa daquela, ou uma pessoa morrer por causa de uma coisa daquela, mas matar é muito pior. Aí vem a coisa pior: foi a condenação dele. Dar uma cesta básica por mês, durante seis meses. E tem uma coisa assim, de revoltante, sabe? Eu sinto muita revolta quando eu lembro disso. Até que a mãe da Cida é diferente, porque a mãe da Cida fala, fala, fala. Ela tem a língua boa, sabe? E fala, ela é muito inteligente, articulada, ela fala. Mas seu Júlio, não. Se ele tivesse se irritado com a mãe da Cida e isso tivesse acontecido com a mãe da Cida por causa de briga verbal, que vai indo, a pessoa perde o controle na discussão verbal, se fosse uma coisa dessa...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Eu não lembro onde foi que eu parei.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Em relação ao pai da Cida.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ah, sim. Então assim, a mãe da Cida, ela fala, mas assassinar o pai da Cida pra mim é uma coisa incompreensível, não tem jeito, sabe, (Trecho Incompreensível). Então é isso, né, chega lá, ver os irmãos dela, a mãe dela, sabe, a pessoa de uma dignidade, sabe, a mãe dela. Ô gente, uma mulher ficar num lugar daquele, sabe, qualquer ser humano. Lá é inóspito, sabe, aquele despenhadeiro, aquele sofrimento, pra entrar e sair de um lugar daquele ali é uma coisa muito difícil. Morrer por causa daquilo. E lá é perto da onde eu te falei, que ocorreu a queima das casas no dia de Sexta-feira da Paixão. Aí quando foi, aliás, só um detalhe, quando foi na outra Sexta-feira da Paixão, do ano seguinte, o mesmo cara foi num outro lugar, no município de Arinos, e fez a mesma coisa.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Sempre na Sexta-feira da Paixão.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É muita, quer dizer, é uma coisa assim, que o cara fez pra marcar, né, intenção, assim, de marcar. (Trecho Incompreensível). Então é isso.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Entendi. Sobre a questão do Incra e da Ruralminas diante desses conflitos.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Olha, a posição do Incra, assim... primeiro é que algumas pessoas que estão dentro do Incra, fica muito claro pra gente, com o passar do tempo, que tem algumas pessoas muito comprometidas com esse assunto de querer realmente atuar pra fazer desapropriação, pra fazer reforma agrária, mas tem muita gente também que eles parecem que eles estão ali é pra atrapalhar, tá ali é pra não permitir as coisas acontecerem, sabe? Eu entendo que tem um grupo deles, dos funcionários públicos, concursados, que tem uma postura de funcionário público, de operadores do direito, de operadores do espaço do estado, mas tem funcionário público que tá ali é com outro objetivo, sabe? Então assim, tinham alguns grupos, por exemplo, de auditores, que iam lá fazer perícia do imóvel, que sempre a perícia dele era feito conforme a realidade, mas teve perito que foi fazer, que mascarou o processo para impedir desapropriação. Por exemplo, a Fazenda Estrela não foi desapropriada por causa disso. Eu lembro que o Jafé...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Jafé Abraão?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Jafé Abraão, ele estava na superintendência do Incra, e eu falei com ele que eu queria abrir um processo administrativo contra uma pessoa que tinha vistoriado a fazenda Estrela, por quê? Porque ele colocou que lá tinham 11 açudes, falei: “Ô Jafé, vamos fazer uma coisa? Vamos lá comigo, pra você ver que lá não tem 11 açudes?”, o cara falou que lá tinha 1.200 hectares de pastagem. Eu falei: “Vamos lá comigo que eu vou te provar que não tem, lá tem uma pastagem, sim, mas o máximo que ela pode chegar é 150 hectares”. O cara falou que lá tinha um monte de coisas, de casas, essas coisas de benfeitorias, e de gado, de um monte de coisa. Eu, vou te falar, assim, coisas que eu não acredito nelas. Eu não acredito que um funcionário público faz uma coisa dessas sem corrupção. O que mais me deixa triste e chateado é que uma pessoa faz uma coisa dessa, ela impede o desenvolvimento da comunidade e com ela não acontece nada. Absolutamente nada! Então assim, é claro que a gente reconhece e valoriza os profissionais que tem postura profissional mesmo, e tem postura com a

sociedade. Mas uma pessoa como essa, então, atrapalha demais, e isso prova pra gente que dentro dos órgãos públicos tem muita coisa ruim, e não é só político não.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Entendi.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não são apenas os políticos. Agora, aconteceu o quê com esse rapaz? Nada. Nada. Então assim, o quê que a Ruralminas fez? Eu não conheço o trabalho da Ruralminas, pelo menos aonde eu andei, alguma coisa que a Ruralminas tenha feito para os assentamentos. Eu gostaria que, só se foi trabalho invisível, se ela faz trabalho invisível, porque, como serviço concreto, eu não conheci nada. De vez em quando eles vinham aqui, fazia reunião conosco, discutia, discutia, discutia... mas eu nunca vi nada feito pela Ruralminas dentro dos assentamentos. O Incra, por pior que ele foi em algumas coisas, mas se não fosse o trabalho dos técnicos do Incra, não tinha esse tanto de assentamento que tem aí. Então o grupo que tá lá, que é comprometido com a sociedade, ele é muito maior do que um grupinho ruim, do mal, que tá lá, sabe? Mas é um grupo menor, mas ele existe também. A gente não pode subestimar, porque geralmente as pessoas que são do mal, geralmente elas fazem um estrago danado na vida dos outros. Não, não percebi naquela época, não tinha, que eu atuei mais com isso, não existia (Trecho Incompreensível) que foi criada aí, eu não percebo que ela tá dando conta de resolver as coisas para melhorar.

Se tá, gostaria até de saber aonde, porque a coisa tá toda parada. Pra mim, o governo Dilma, e o governo Lula, o que eles fizeram foi recuar na reforma agrária, e quero te falar que eu ajudei a criar o PT. Pra mim, que ajudei a criar o PT, pensando na reforma agrária, é uma tremenda frustração, sabe, uma tremenda frustração! Eu fico frustrado de falar uma coisa dessa. Concordo que o governo avançou nas outras áreas, em algumas outras, em algumas outras. Mas na questão da reforma agrária o Fernando Henrique Cardoso foi melhor. Eu tô sendo sincero, eu tô falando aqui com o olhar de quem tá convivendo com a realidade.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Então haviam avaliações, né, feito por agentes do Incra, né, que por vezes eram reais e por vezes mascaravam, por exemplo, a presença de posseiros ou de características da propriedade que tornariam ela motivo para desapropriação.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Passível de ser desapropriada.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Desapropriada.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Por exemplo, colocava ali benfeitorias que não existiam.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Uhum. Pra justificar a produtividade que tinha uma função.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Sim.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Entendi. Há alguma situação a mais de ameaça ou de atuação de agente público ou de algo em relação ao sindicato, ou assassinato, que o senhor gostaria de...

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Não. Eu, a única coisa, assim, que eu gostaria, assim, pra fazer o fechamento da nossa conversa, é o seguinte: eu acho que é muito difícil mudar para uma sociedade melhor, porque as forças contrárias têm muito mais poder, sabe, tem hora que eu fico até achando que a gente não é bem certo da cabeça. Acho que a gente é meio doido de querer ajudar a construir um país sem fome, sem pobreza, sem miséria, sabe? Parece que a gente não, fica parecendo um ser estranho, porque as forças, vamos dizer assim, antagônicas a isso, que quer o Brasil numa pirâmide, aonde quem tem muito continua tendo mais e quem não tem nada continue tendo menos, olha o quê que está acontecendo agora em Brasília com essas reformas. Eu acho, assim, isso muito difícil, sabe? Eu tô com 61 anos, não me arrependo de ter lutado pela reforma agrária, vou te falar dois casos que para mim eles são importantes. Só duas coisas, que eu conheço muitos, mas tem dois casos que pra mim são importantes. Um dia eu estava na cidade de Arinos, indo a pé para o sindicato... ah, aliás, tem uma outra coisa também que depois eu quero falar.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Três.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Eu estava indo pro sindicato e encontrei com um negão altão, chama Antônio. “E aí, Antônio, tudo bem?”, ele olhou pra mim, assim, sabe, abaixou a cabeça, pensei assim: “Será que ele tá doente?” “Hein, Antônio? Cê tá bom?”, ele continuou de cabeça baixa, assim, aí eu bati nele assim, falei: “Você tá sentindo alguma dor? Alguma coisa?”, ele falou: “Não”, e começou a chorar, sabe? “O quê que foi, Antônio?”, “Ah, Rômulo, meu patrão ficou sabendo que eu participava das reuniões do sindicato e me mandou embora, e eu não consigo emprego em lugar nenhum mais. O último grãozinho de arroz que tinha lá em casa nós comemos ontem. Eu tô até agora sem comer nada. Meus filhos em casa, tudo com fome. Cê já pensou, Rômulo, um homem igual eu, que trabalho, eu sou muito trabalhador, sou produtivo, não consigo encontrar

trabalho porque meu patrão ficou sabendo que eu participava da reunião do sindicato”. E como eu estava indo pro sindicato, eu fiquei morrendo de vergonha, mas vergonha, assim. Falei: “Meu Deus!”. Aí falei: “Vamos fazer uma coisa? Cê tá indo aonde?” “Tô indo em tal lugar”, “Então tá, então depois que cê voltar cê passa lá no sindicato que nós vamos discutir umas coisas lá”. Aí quando voltou, fizemos um trabalho para ocupar uma fazenda que já tinha sido decretada a desapropriação dela, o assentamento mimoso. Lá em... cê sabe?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: A gente tem documentação sobre isso.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Pois é, lá no Mimoso. Preparamos pra entrar pra lá. Aí eles entraram, sem autorização do Incra, e o Antônio foi o primeiro a ir. Ele falou que, o pessoal: “Não, Antônio”, falou assim: “Não, eu vou esperar vocês lá dentro, porque a minha família tá passando necessidade”.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Aquele moço que você conversou chama Antônio?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Esse que eu conversei, é o mesmo. Aí quando tinha uns quatro meses, no máximo seis meses que eles estavam lá, eu estava na casa da dona Maria, que dona Maria foi assentada lá também e ela ficou mais no centro lá do assentamento. Eu estava lá e tô vendo que está vindo uma carroça, um menininho sentado na carroça e um cachorro atrás e tal, falei: “Uai, dona Maria, carroça aqui no assentamento?”. “E!”, falei: “Quem é aquele lá?”, “Antônio”, “Qual Antônio?”, ela me contou, ele assobiando em cima da carroça e tal, “Oi, Rômulo”, desceu da carroça e veio, me deu um abraço, sabe, e foi embora.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Isso foi em qual época?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Escuta bem. Escuta bem. Falei: “Dona Maria, mas Antônio já comprou carroça?”, “Esse homem não bate bem da cabeça não. Cê acredita que ele chegou aqui, tinha umas madeiras já tiradas aí, ele foi juntando madeira, juntou madeira pra vender pra serraria lá em Arinos, (Trecho Incompreensível) tinha sido cortada lá. E se você for lá na casa do Antônio, você vai ficar impressionado! Aquilo lá, ele plantou em volta da casa dele todinha! Se você ver o tamanho da horta que ele fez lá! E ele comprou essa carroça porque ele enche essa carroça de produto da horta, leva pra cidade e vende. E ele vendeu as madeiras pra comprar coisas pra ele ter condição de continuar trabalhando aqui, ele comprou essa carroça pra ele levar as coisas pra cidade e vender”. E aí quando eu vi o Antônio indo embora na carroça, cantando, sô, quer dizer, aquele

homem que estava chorando, passando fome tinha tão pouco tempo, ele andava nessa situação. O outro é Nascimento, lá em Fruta Dantas.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Mas o Antônio foi em que época?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Ah, deve ter sido, foi aí entre 86, entre 87, 87, 88. É, deve ter sido 88. O outro foi o Nascimento. O Nascimento era empregado do grupo Votorantim lá em João Pinheiro, empregado do grupo Votorantim. Pegou, surgiu a desapropriação de Fruta Dantas, ele foi pra Fruta Dantas. Chegou lá em Fruta Dantas, quando tinha já alguns, mais ou menos um ano que ele estava lá, o gerente lá da fazenda lá do grupo Votorantim foi lá atrás dele para ele, chegou lá e falou, foi o Nascimento que me falou, chegou lá e chamou o Nascimento para ir lá trabalhar pra ele. Eu falei: “O quê que cê falou pra ele, Nascimento?”, ele falou “Ô Rômulo, eu falei pra ele assim: ‘ó, vamos combinar outra coisa? Quanto que cê quer pra vir trabalhar pra mim ao invés de eu ir trabalhar para você? Se for pra pagar o mesmo que cê tá querendo me pagar lá, eu mesmo pago você aqui, eu já tenho condição de te pagar””, tinha um ano e pouco que Nascimento estava na Fruta Dantas, um ano e pouco. E ele tá lá até hoje. Então assim, do ponto de vista da fome, a reforma agrária consegue resolver. Do ponto de vista da pobreza, ela consegue resolver. Ela consegue mudar a cabeça do trabalhador. O trabalhador antes de ir pra terra é uma coisa, depois que ele vai fica até meio arrogante, “porque agora eu mando nesse pedaço aqui”, que antes você não tem poder de nada, de repente ele tem um poderzinho. Ele muda psicologicamente também. Não acho isso ruim, acho bom. Então assim, eu tô contando só esses dois casinhos.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: E o terceiro?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: O terceiro é a respeito das mulheres. A respeito das mulheres. Porque a Cida, pra mim, foi um grande exemplo. Começa com minha mãe. Minha mãe foi um grande exemplo. Se não fosse ela, ela mesmo ela passado aquela miséria toda, aquela desgraceira toda que ela passou na vida dela, ela não largou os filhos, a minha mãe. E a Cida é uma mulher, que vendo o pai assassinado, vendo a mãe toda cheia de bala, continuou no sindicato. Essa coisa mexeu profundamente comigo, sabe? E aí nós fizemos um trabalho para as mulheres no noroeste de Minas, para as mulheres assumirem as direções dos sindicatos. Se você ver o quê que a dona Maria fez na época da constituinte em 88. A Lia. Dona Elza. Então nós, aonde era um espaço totalmente masculino, nós começamos um trabalho para ser ocupado também pelas mulheres, acreditando que elas têm coisas que o homem dá conta de fazer mais do que

as mulheres, eu acho que sim. Por exemplo, carregar peso. Acho que a estrutura física masculina ela é diferente da mulher. Mas em termos de capacidade de raciocínio, exercício de liderança, aí eu acho que as mulheres têm condição, sim, de ser firme, consistente em muitos casos, muito mais do que os homens, sabe, porque... a luta pela reforma agrária no noroeste de Minas tem um traço também de atuação das mulheres, que foi uma coisa diferente de outras regiões, mas por quê? Porque eu, a Sônia e o Eduardo, que trabalhou aqui na Fetaemg, morreu recentemente...

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: O Pelé?

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Conversei com ele.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É?

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Um mês antes, inclusive. Ele me ligou, inclusive. Eu não esperava não.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É. Então assim, nós percebemos que havia necessidade de trazer as mulheres, sabe? Teve muita gente que foi contra, teve muita gente que foi contra, é verdade. Teve gente que foi contra. Mas nós resolvemos apostar nas mulheres. E a Sônia ajudou muito nisso, a Sônia. A Cida, essa coisa da Cida ter sido presidente do sindicato, isso encorajou muitas outras mulheres, sabe? Então esse outro, outra coisa que eu queria te falar.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Que é importante destacar, né.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: É importante destacar, não tem jeito de você falar da luta da reforma agrária no noroeste de Minas sem falar das mulheres. Se isso acontecer, é um pedido que eu vou te fazer, tenta ajudar pra não deixar isso acontecer. Que elas tiveram uma atuação muito importante nesse processo, sabe? Só isso.

CAROLINE CUNHA RODRIGUES: Tá bom. Tudo bem? Muito obrigada, Rômulo, pelo depoimento. Depoimento encerrado às 4:44 do dia 14 de julho. Obrigado, viu.

RÔMULO LUIZ CAMPOS: Vontade de escrever um livro a respeito. Tem um homem lá no noroeste de Minas...